



CARTAS MARCADAS: TRABALHANDO COM IDENTIDADE DE GÊNERO

Rafael Chaves Martins¹

Resumo

O presente artigo, desenvolvido a partir de uma oficina elaborada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de Letras da Faculdade Porto-Alegrense – FAPA, apresentará uma proposta de ensino cujo objetivo é trabalhar com a diversidade de identidades de gênero. A escola, como um espaço de ensino e aprendizagem, é o ambiente ideal para se trabalhar contra o preconceito – seja racial, religioso, sexual, econômico-social. A partir da obra *Cartas Marcadas*, elaboramos uma proposta de produção textual em que o aluno terá a oportunidade de refletir acerca da questão da identidade de gênero elaborando um texto. Após um debate em sala de aula, ele terá a oportunidade de reescrever esse texto gerando assim uma oportunidade ao educando de rever seus conceitos.

Palavras-chave: Produção textual. Gênero. Proposta de ensino.

1 Introdução

Um assunto em voga na mídia é o chamado Bullying. Não que os atos de violência e o exercício de poder no ambiente escolar sejam novidade, mas, com o acesso a novas tecnologias e a popularização da internet, essa forma de agressão ganhou novas plataformas de ação: sites de relacionamento, de postagem de vídeos caseiros e blogs. Mas por que estou a falar disso quando o projeto aqui apresentado trata de produção textual? Porque a escola não trabalha com o diferente, com o estranho, com o *queer*. Guacira Lopes Louro, em sua obra *Um corpo estranho* (2008b), afirma que “[...] o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário.” Seguindo essa lógica, a escola torna-se também responsável por essa prática, e perde a oportunidade de problematizar a questão das identidades – e em especial com essa pesquisa a identidade de gênero – fomentando e contribuindo assim com a perpetuação de preconceitos e tabus dos mais variados formatos – racial, sexual, religioso, econômico-social. Uma das ações para se combater a violência no ambiente escolar passa diretamente pela necessidade de se trabalhar com as diversas possibilidades de identidade. A literatura é um campo em que essa problematização pode

¹ Acadêmico do sétimo semestre da FAPA, orientado nesse artigo pela professora Ana Márcia Martins da Silva – anafer@fapa.com.br.

ser encontrada, servindo, assim, de subsídio para que nas aulas de Língua Portuguesa esse tema seja discutido e resignificado.

2 A identidade de gênero

Nos últimos anos, alguns estudos (GARCIA, 2007; LOURO, 2008a, 2008b; FACCO, 2009) surgiram com o intuito de entender qual é o papel da escola no processo de opressão nas relações de poder estabelecidas em seu meio. Afinal, a escola – entendendo aqui a sua direção, coordenação pedagógica e o seu corpo docente – é responsável, ou corresponsável, pelo aumento da violência em seus corredores, pátios e salas de aula? Em tempos em que as estruturas familiares estão cada vez mais desfaceladas, que há a inversão de valores em nossa sociedade, e que a violência está cada vez mais presente em nosso cotidiano, é chegado o momento de a escola assumir para si um papel de destaque no combate à violência, ao preconceito e à intolerância, sob pena de perder a sua importância e relevância no processo educacional.

A criança e o adolescente dedicam muito tempo da sua vida ao convívio escolar. Para muitos, é uma fase de autoconhecimento, de relacionar-se com o mundo, e de aprendizagem. Para alguns, é uma fase de tortura, de medo e de opressão. Quem foge “do padrão de normatividade [...] homem branco, heterossexual, de classe média e formação judaico-cristã” (FACCO, 2009, p. 20) sabe das cobranças impostas pela sociedade desde cedo. Vestir-se adequadamente ultrapassa a noção de usar roupas limpas, bem cuidadas, aquecidas ou refrescantes – dependendo da época do ano; o ambiente escolar sabe ser muito hostil a um menino que queira usar uma camiseta rosa ou a uma menina que adore usar a camiseta de seu time de futebol – como se esses fatos fossem um indício de que a sua sexualidade seja fora do padrão pre-estabelecido socialmente. A simples suposição dessa possibilidade, ou ainda o fato de ela romper com “os padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar e de se portar” (LOURO, 2008a, p. 24) já é motivo de chacotas, de perseguição e de humilhação por parte dos alunos, e, em alguns casos, por parte de professores ou funcionários da escola. Por isso a importância de a escola, como ambiente de ensino e aprendizagem, preocupar-se e trazer para si a responsabilidade de harmonizar esse exercício de poder entre seus membros. Um caminho é a adoção de ações que visem ao trabalho com todas as identidades que são desviantes do padrão normativo.

Mas afinal, o que são identidades? Identidades são construções que o sujeito realiza ao longo de sua jornada, social e historicamente, sejam elas contraditórias ou correlatas; ou seja, são mutáveis, instáveis e voláteis (LOURO, 2008a, p. 26-27). Delimitando quanto ao gênero, essas identidades são construções através da identificação com o masculino e o

feminino, segundo Louro (2008a, p. 26). Por isso a importância de a escola desempenhar um papel ativo nesse processo de problematização, pois

[...] a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõem a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe **ignorar** ou **negar** todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas. (LOURO, 2008a, p. 34, grifo nosso).

E a escola não pode mais fechar os olhos para essa segregação e negação.

3 Como trabalhar em sala de aula: uma proposta

O aluno receberá uma carta envelopada no final da aula com a instrução de só abri-la em casa, e com o contexto de tê-la encontrado na sua mochila sem remetente. Ele deverá ler a correspondência e respondê-la, para entrega na aula seguinte, também envelopada. A seguir o seu conteúdo:

Não estranhe o que está escrito aqui. Peço-lhe que não estranhe, nem jogue fora, nem ria de mim. Não julgue apressadamente. Pensei muito, muito mesmo, antes de criar coragem e tomar a decisão de escrever-lhe. A vida é mesmo assim, tem coisas que a gente faz com a calma de um dia de chuva, sem se importar com o tamanho da decisão e das consequências, tem outras que poderiam e deveriam ser assim simples, como um dia de sol, mas elas nos parecem tempestades. Assim é comigo nesse segredo que vou revelar a você, compartilhar com uma pessoa de quem eu gosto muito, até porque está enredada na história, mesmo sem saber e sem querer.

“Ah, fala logo!”, você deve estar pensando ou pedindo. “Chega de enrolação!” Isso é sintoma do assunto complicado, como já lhe disse. E, por isso, vou enrolando, mesmo tendo decidido, vou tomando coragem enquanto escrevo estas primeiras linhas. O que acontece é que... é que sinto que gosto de você. Não desse jeito que um amigo gosta do outro, mas de um jeito que alguém gosta do outro, por interesse que vai além da amizade... você percebe o que eu quero dizer? É um querer que brota no íntimo da alma como novelo fértil. Chega à flor da pele feito fruto do desejo intenso. E faz o corpo querer mais e mais... Como um ímã dentro de mim me atrai a você querendo que pertencêssemos um ao outro, sem pudores, sem fim...

Não chegaria a dizer que amo você, pois ainda está um pouco longe disso, não sei direito o que é amor, amar. Mas gosto de você, sinto interesse por você, interesse que vai além da amizade. Daí para o amor pode ser um passo, pode ser uma caminhada curta, pode ser uma travessia... Ou pode ser nada. Depende de você [...] mas peço-lhe que não relaxe comigo, não menospreze minha declaração. Considere apenas uma possibilidade. E me deixe continuar a escrever cartas para você. (GARCIA, 2007, p. 8-9).

Após a entrega e a correção da produção textual, ela será devolvida ao aluno, em aula posterior, para ser lida ao grupo e assim propor um pequeno debate a partir da carta resposta de cada um dos alunos. Tanto do conteúdo das respostas quanto da forma como ela é dada, percebendo o impacto na turma de suas leituras. Encerrada essa etapa, a carta anônima será lida na íntegra, mostrando a parte em que a identidade de gênero e a sexualidade do narrador é revelada. A seguir:

Não estranhe o que está escrito aqui. Peço-lhe que não estranhe, nem jogue fora, nem ria de mim. Não julgue apressadamente. Pensei muito, muito mesmo, antes de criar coragem e tomar a decisão de escrever-lhe. A vida é mesmo assim, tem coisas que a gente faz com a calma de um dia de chuva, sem se importar com o tamanho da decisão e das consequências, tem outras que poderiam e deveriam ser assim simples, como um dia de sol, mas elas nos parecem tempestades. Assim é comigo nesse segredo que vou revelar a você, compartilhar com uma pessoa de quem eu gosto muito, até porque está enredada na história, mesmo sem saber e sem querer.

“Ah, fala logo!”, você deve estar pensando ou pedindo. “Chega de enrolação!” Isso é sintoma do assunto complicado, como já lhe disse. E, por isso, vou enrolando, mesmo tendo decidido, vou tomando coragem enquanto escrevo estas primeiras linhas. O que acontece é que... é que sinto que gosto de você. Não desse jeito que um amigo gosta do outro, mas de um jeito que alguém gosta do outro, por interesse que vai além da amizade... você percebe o que eu quero dizer? É um querer que brota no íntimo da alma como novelo fértil. Chega à flor da pele feito fruto do desejo intenso. E faz o corpo querer mais e mais... Como um ímã dentro de mim me atraísse a você querendo que pertencêssemos um ao outro, sem pudores, sem fim...

Não chegaria a dizer que amo você, pois ainda está um pouco longe disso, não sei direito o que é amor, amar. Mas gosto de você, sinto interesse por você, interesse que vai além da amizade. Daí para o amor pode ser um passo, pode ser uma caminhada curta, pode ser uma travessia... Ou pode ser nada. Depende de você. **Imagino qual a sua surpresa ao ler esta carta e ver meu nome assinado embaixo. Certamente você esperaria qualquer nome feminino, Daniela, Carla, Julia, uma qualquer, menos o meu. Isso deve causar mesmo estranheza, um declarando-se para outro. Mas... vamos lá: o que é normal nessa vida? O que é certo e errado nessas coisas de amar e amor? Quem sabe, pode levar um pouco mais de tempo, mas é possível se acostumar com essa ideia.**

Eu mesmo, quando comecei a descobrir dentro de mim uma alma diferente e que meu interesse não era por uma outra, mas por um outro, masculino como eu, levei um susto. Depois fui me acostumando e me preparando para assumir esse amor de cara diferente. Pode não dar em nada, mas peço-lhe que não relaxe comigo, não menospreze minha declaração. Considere apenas uma possibilidade. E me deixe continuar a escrever cartas para você. (GARCIA, 2007, p. 8-9, grifo nosso).

A partir dessa nova perspectiva, será solicitada ao aluno a re-escritura da carta-resposta com as correções gramaticais apontadas. É dada ao aluno a opção de alterar o conteúdo da resposta, se assim preferir. Na aula seguinte nova discussão é realizada, proporcionando aos que alteraram a resposta que a leiam, e verificando os motivos que levaram cada um a alterar ou a manter o conteúdo.

4 Conclusão

Nesse artigo apresentamos uma proposta de trabalho em que a produção textual promove uma reflexão sobre a identidade de gênero. Essa é uma questão bem polêmica, mas, como já foi dito, a escola não pode se recusar a abordá-la em sala de aula. Através de uma carta anônima, que deverá ser respondida, o aluno tem a oportunidade de perceber as semelhanças e diferenças entre a sua identidade de gênero e a do outro, se colocando

assim no lugar desse outro. Além disso, ele se dá conta de que as identidades individuais – sejam elas sexuais, de gênero, de raça, de credo – não são algo absoluto e herdado ou recebido, e sim um longo e contínuo construto. Por seu caráter subjetivo, cada indivíduo merece ter suas identidades respeitadas, e a escola, adotando esse projeto e desenvolvendo outros, proporciona que haja equilíbrio nas relações de poder em sala de aula e na vida em sociedade dos alunos.

Referências

- FACCO, Lúcia. Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infantojuvenil. São Paulo: Summus, 2009.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. I.
- GARCIA, Edson Gabriel. Cartas Marcadas. São Paulo: Cortez, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.